

Poesia periférica

Há, rolando por aí, muita coisa sobre a qual o editorialista não pode silenciar. Entretanto, achando-se com dengue, está sem forças para escrever os editoriais que vocês tanto apreciam.

Fui socorrido, nessa emergência, por Sérgio Paolozzi, que, sendo poeta e desocupado, gasta seu tempo andando de ônibus, bebendo cerveja nos bares, e ouvindo, sem que percebam, a conversa dos vizinhos. Como lhe devo favores, não pude recusar o seu pedido: de colocar, no meu editorial, algumas poesias suas. É o que passo a fazer:

poesia periférica

se eu fosse escolher
meu nome,
não faria como aquele
que se chamou
Acaiaba de Montezuma.
seria preciso ir mais fundo
na busca da liberdade.
seria numa língua
não sabida, que ninguém mais
pudesse falar.
só assim conseguiria
que não me vestissem
nas suas roupas,
não me pusessem

nas suas escolas,
não me levassem
nas suas guerras,
não me fizessem
cantar os seus hinos.
só assim conseguiria impedir
que me pudessem domesticar.
minha língua mostraria
a vida como ela é,
e teria uma palavra especial
para ralo,
por onde faria correr
as suas verdades.

jaculatória

ó doce Jesus,
vida e propriedade nossa,
que vieste,
em tuas próprias palavras,
para nos servir,
protege-nos contra a perfídia
do preto, do pobre e do invejoso.
guarda os nossos bens,
e conduze-os, conosco,
ao paraíso.
amém.

caçada

o vídeo está aí.
após devorar a presa
cuja cauda a hiena mordia,
volta-se agora o leão
contra ela,
que, acuada,
mostra os dentes,
revelando coragem
no lugar da covardia

confusão

o sol amanheceu negro,
e do céu caía
uma chuva plúmbea, que feria.
incerta de onde fosse o horizonte,
insabente de alguma direção,
vagou sem rumo toda a gente,
preferindo, em vez de andar,
roçar, qual bicho, pelo chão.
quedou-se, sem mudança, o tempo,
abrigou-se, atrás dos postes, quem podia
de projéteis invisíveis se esconder,
quando vibrou no ar um dó profundo,
uma voz rouca, um som roufenho,
sinal, quiçá, do fim do mundo.

vazamento

ele se esmerou
na prática da hipocrisia,
denunciando, nos outros,
as coisas que fazia.

documento

foi quase tudo, no golpe,
transparente,
como acontece facilmente
no linguajar tupiniquim.
dá bem pra ver quem se adianta,
e no pescoço do alferes, pressuroso,
aperta o laço,
mesmo recebendo em troca
amanhã, das minas,
apenas o bagaço.
faltou flagrar, matreira,
a mão reinol do gato,
escondida por trás
da lavajato.

abominação

sobre o inocente vos lançais agora,
como leões famintos,
todos juntos, para derrubá-lo,
e afiando como espada a língua venenosa,
perguntais, “- quem poderá ver-nos,
para investigar nossos crimes” ,
se já não brilham, nos céus da pátria,
os raios que um dia foram fúlgidos,
e à brisa da liberdade,
o augusto símbolo da paz
não mais balança?

vede bem o que fazeis,
se pensais voltar ao passado escravocrata,
reverter o fio da história,
ressuscitar as leis do tronco,
da senzala e da chibata,
e apartar, do povo,
as promessas divinas de esperança.

